

CANGAÇO: FENÔMENO COMPLEXO

Há quatro coisas no mundo

Que alegram um cabra macho:

Dinheiro e moça bonita,

Cavalo estradeiro-baixo,

Clavinote e cartucheira

P'ra quem anda no cangaço.

(Do romanceiro popular)

Como acontece com todos os fenômenos sociais, o *cangaço* também teve a sua época, a sua ambiência e as suas causas. Já em 1917 Gustavo Barroso, num excelente trabalho, estudou essa época, essa ambiência e essas causas com uma penetração sociológica pouco comum àquele tempo.

Situado o *habitat* do banditismo nordestino entre o vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicuncá à do Martins e daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete estados - Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Sergipe -, o escritor nordestino soube analisar o homem e o meio para, a seu modo de ver, embora controverso, apontar as principais causas que originaram e alimentaram, por mais de cinco décadas, o flagelo do cangaço no chamado polígono das secas.

A complexidade do fenômeno não deixa de ser uma decorrência das causas também complexas que, sem obedecer a nenhuma lei social, caminharam de braços dados com os efeitos a tal ponto que se misturaram, num processo sociológico de interação.

O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, o problema da distância relacionados com a falta de comunicação, o sadismo das forças policiais, o poder absoluto dos coronéis chefes políticos, a injustiça social e a decadência do Tribunal do Júri funcionando como *mamulengo* dos poderosos, o rígido código de honra sertanejo, o culto à bravura, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção, as questões de terra e tantas outras reações *psícos sociais* foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do cangaço.

Além de Gustavo Barroso, outros sociólogos procuraram explicar o fenômeno.

Euclides da Cunha lembrou "os estigmas degenerativos das três raças".

O antropólogo baiano Nina Rodrigues chegou a afirmar que "a criminalidade do mestiço brasileiro está ligada às más condições antropológicas da mestiçagem no Brasil."

O romancista paraibano José Américo de Almeida não comunga do ponto de vista de que a falta de transporte tenha sido uma das causas do cangaço, alegando que

"Lampião viajou com seu bando em caminhões e ocupou cidades servidas pelo telégrafo".

Autor de um dos melhores e mais lúcidos trabalhos sobre o *cangaço*, Rui Facó tem seu modo próprio de focar o problema, ajuntando às causas já mencionadas outras tantas como, por exemplo, a de que tenha sido o *cangaço* uma réplica à ruína e à decadência do latifúndio semifeudal.

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *Antônio Silvino: Capitão de Trabuço*. Recife: Edições Bagaço, 2001. p 23-26.